

O Castelo do Mau Vizinho

POR

P.^e António da Eira

Pároco da freguesia de Cimo de Vila,
sócio da Soc. Portuguesa de Antropologia

O *Castelo do Mau Vizinho*, como vamos ver, é um estranho monumento arqueológico que fica na margem direita do rio Mouce, em termo da freguesia de Cimo de Vila, concelho de Chaves, e a uns 30 quilómetros desta cidade.

O rio Mouce é um pequeno riacho que nasce na serra de Cota, relevo orográfico do planalto monfortino, do nordeste do concelho de Chaves. Desce o pequerrucho fio de água a vertente leste da serra, e faz a linha divisória da fronteira com a Galiza em cerca de dois quilómetros. Corre depois em terreno português por terras das freguesias de São Vicente, Travancas, Roriz, Cimo de Vila e Sanfins, até à sua confluência com o rio Mente, afluente do Rabaçal. Quase a meio do seu percurso que é oeste-leste, e que não excederá uns quinze quilómetros, o rio faz um desenho que semelha as orelhas de uma lebre descomunal. É caprichoso o traçado do seu leito, lá na profundíssima ribeira, entre Cimo de Vila e Orjais. Por tão profundo nunca seca. É pedregoso e bem povoado de lindas e saborosíssimas trutas. As águas concorrem para isso, vindas de quase mil e cem metros de altitude, ou de frescas nascentezinhas dos pequenos arroios adjacentes. Por ali tenho visto macios agriões, o virtuoso fiolho, a erva cavalinha, o cravo silvestre, o hipericão, ...etc., etc.

Pois nesses meandros formosíssimos encontramos nós a emergir, por força ciclópica, quase a superar quantas maravilhas dan-

tescas existam nestes esconderijos trasmontanos, o *Castelo do Mau Vizinho*.

É uma escarpa que se levanta da segunda orelha de lebre que o leito do Mouce vai rasgando e aprofundando no seu rastejar permanente, a limar fragas e a alimentar trutas. Tal escarpa é coisa de assombro. Ergue-se como cabeça de víbora, acima daqueles meandros, ponteaguda, ameaçadora, quase inacessível, a desafiar os ares, com teimosia impertinente. O rio vem encontrá-lo, o castelo, pelo poente. Deste lado, da superfície das águas ao cimo da escarpa, a altura, a pique, é de 85 metros. O rio faz um meandro muito grande, para norte, originando uma península perfeita, e que não cortou por poucos metros. Ali vemos uma pre-sazita que vai fazer mover três moinhos em cascata sucessiva. Tal é o desnível do rio naquele palmo de terra.

Mas depois de o rio dar a volta completa ao Castelo do Mau Vizinho, a altura do cimo do monumento fica em relação à água da corrente, pela parte nascente, na cota de 139 metros.

O acesso ao monumento, é pela parte sul. Deste lado de Cimo de Vila, o Castelo liga-se à montanha. Ali a escarpa é cortada quase na vertical, com uma altura de 39 metros. Extraordinário!

O cume da rocha foi desbastado a pico, pela mão do homem, para nele insculpir um monumento de longa vida. A pedra xistosa não favorece muito a sua conservação. Todavia ali encontramos, «no todo cima» ou seja no topo cimeiro, aquele plano artificial de cerca de 25 metros quadrados, quase um triângulo com a base para leste. Nele se abrem sete cavidades na direcção sudoeste-nordeste, quase sul-norte, com declive pouco acentuado para norte. As duas primeiras cavidades são paralelas, arredondadas, uma com 15 cm de diâmetro e 4,5 m de profundidade, e a outra com cerca de 25 cm de diâmetro e a profundidade de 7 cm. A uns vinte centímetros de distância umas das outras, seguem elas, as restantes covas, todas alinhadas de sul para norte. A primeira é de uns 80 cm de comprimento e talvez outro tanto de largo, meio desfeita, e com a profundidade de uns 10 cm na parte mais funda. A seguir há uma cova arredondada com 13 cm de fundo por uns 15 de diâmetro.

Há depois outra cova rectangular, com cerca de um metro de comprimento por 35 cm de largura e uns 18 cm de fundo. Seguidamente, outra cova tem a mesma configuração, com as medidas de 53 cm por 20 cm, e a profundidade de uns 7 cm. Esta última apresenta no fundo do seu topo nordeste, uma covinha arredondada. E a última cova, a quarta, mede uns escassos 40 cm de comprimento por uns 27 cm de largo. É um nadinha arredondada, enquanto que as outras são de linhas rectas. Desde as duas primeiras até esta última, todas dão vertente de umas às outras. Estas duas últimas dão vertente para o renque de degraus largos e espaçosos que descem para nascente. Alinham paralelas aos degraus, e terminam aproximadamente a meio do eixo das escadas. Distam do primeiro degrau uns 70 cm. E a plataforma eleva-se acima deste também uns 50 cm.

O primeiro degrau tem a largura de 2,7 m e o comprimento de 4,70 m, num declive de uns 40 cm. A seguir, o segundo degrau tem cerca de 1 m de largura, o mesmo comprimento do primeiro e um declive aproximado de 25 cm.

A rocha, em decomposição, vem danificando o monumento, de modo a desgastar cada vez mais os bordos e as esquinas.

Seguem-se dois degraus mais curtos. A estes dois, como a rocha em que são cavados vai estreitando, segue-se o lance na sua parte mais perfeita: São mais seis degraus de cerca de 40 cm de altura por outros 40 cm de largura. Na sua parte posterior apresentam um sulco mais fundo do que a sua superfície, com cerca de 24 cm de largura e 5 cm de profundidade.

Depois destes degraus há um último patamar com 1,60 m de largura ao qual se segue uma pia grande, hoje coberta de cascalho, que foi impossível verificar e medir.

Um pouco abaixo do meio daquele formoso lance de escadas em anfiteatro, há um passadiço para sul com sulco profundo, para o precipício. Será uma espécie de Rocha Tarpeia, cujo mistério nos envolve e nos prende.

Pela parte do poente, sul e nascente, o monumento é naturalmente defendido pelo corte quase vertical da rocha, numa altura monstruosa e inacessível de 85 metros. Do lado norte a vertente

é menos inclinada. Por isso o monumento é protegido por um muro de pedra com cerca de 20 metros de comprimento e assente em consistente argamassa. Tem a noroeste uma esquina de traça que lembra o tipo dos muros ou paredes romanas; para nascente vai arredondando até cercar e fechar o fundo do monumento. A espessura deste muro, na parte mais larga, atinge cerca de metro e meio.

Ao lado do escadario existem abertos na rocha uns pequenos degraus, espécie de escadotes de serviço. Mas o do lado norte termina num recipiente largo, quase quadrado, junto ao muro.

Pelo monte abaixo, outros vestígios se encontram, de obra humana em desbastação da rocha para assento de suposto travessamento.

O que nos diz a lenda

Conta o povo que o Castelo do Mau Vizinho é património do Pecado. E aqui o Pecado é sinónimo equivalente a Diabo.

Portanto o Castelo do Mau Vizinho é Castelo do Diabo.

E segue-se o relato, dizendo que o Pecado sobe a cavalo no seu cavalo pelo fragão escorregadio e difícil, na vertente leste, onde se vêem as marcas agigantadas das ferraduras bem marcadas na rocha. E é por essas pegadas que nós conseguimos subir, mas não sem custo.

Tão difícil é o acesso, que pessoas há que não conseguem passar.

Seguidamente, o Demo dá de comer à sua montada nas piazinhas da plataforma do monumento. Depois desce pela vertente norte, a caminho do seu reino infernal, lá para as profundidades da terra. A porta de entrada é o Poço de Baldar, lá no fundão, a nordeste do colossal meandro do Castelo do Mau Vizinho.

O Poço de Baldar é um remanso, após um rápido elegante, de três a quatro metros de profundidade, com um corte vertical muito perfeito, liso, natural. Mas o pego, do lado do Castelo, apresenta um recanto sombrio, sempre escuro e feio, misterioso e insondável.

É velado por silvas e arbustos, tudo concorrendo para alimentar o misterioso da lenda popular.

É ali a porta do reino do averno, por onde o Pecado sai e entra com o seu cavalo, a coberto do mistério insondável daquelas águas do Poço de Baldar.

Conta-se que dois homens da aldeia de Roriz andavam à pesca das trutas naquele ribeiro, tendo um deles mergulhado na perseguição das mesmas.

No mergulho entrou para dentro do misterioso esconderijo. Penetrou em uma caverna escura, e encontrou-se lá dentro em seco, sobre uma rocha, na mais completa escuridão. E ali ficou naquele reino de trevas, sem saber como sair. O companheiro, farto de esperar, convenceu-se de que grande desgraça lhe sucedera. Tomou-lhe as roupas, e foi-se embora para dar conhecimento, à família e aos vizinhos, de tão triste como temeroso facto.

Ao outro dia, quando uma ténue «luzença» chegou à caverna onde o prisioneiro do Demo se encontrava, resolveu este tentar um mergulho na direcção da claridade. Felizmente a tentativa resultou em bem. O homem viu-se a salvo das mil conjecturas sombrias daquele martirizante cativo. E o único percalço que se lhe seguiu depois, foi ter de regressar ao povo às ocultas, por ir nuzinho de todo, à «Pai Adão».

Procurei dois auxiliares um dia para ir explorar o Poço de Baldar. Tudo se combinou. Mas quando estávamos para partir, um deles não apareceu. Receoso de qualquer desgraça, preferiu estragar-me os planos e não dar sinal de gente. Com um só auxiliar, nada consegui.

O caçador José Pio, afamado que ele foi em seus bons tempos de caçador, relata-nos hoje como todos os caçadores de Cimo de Vila e arredores sempre olhavam para o morro do Castelo do Mau Vizinho e o tinham como coisa sagrada, onde nunca em tempo algum houvera o atrevimento de pôr um pé ou dar um tiro.

Qualquer coelho que para lá se escapasse corrido pelos cães, podia muito bem ser encarnação do Diabo... E com o Demo não há que ter contas!...

De mais a mais, até as espingardas se negariam a dar fogo.

O que será este monumento

À primeira vista, os restos arqueológicos desta obra humana e num sítio tão singular, dão-nos a ideia de ser um monumental santuário pagão. Pode muito bem ter sucedido que os antigos habitantes destes sítios, olhando para o singularíssimo serpentear do leito do rio e para o extraordinário pico do Mau Vizinho, fossem levados a considerar aquele conjunto de meandros como a personificação ou mistificação da Serpe. E assim teriam dado ao Castelo o melhor do seu destino. Seria um altar a qualquer divindade aquática, com seus ritos, seus sacrifícios, suas imolações? Covinhas, seriam elas lá no topo, na plataforma, o sítio do holocausto, onde cairia o sangue das vítimas, para logo escorrer pelos sulcos ainda visíveis, e pelos degraus, até ao recipiente do fundo.

E o corredor e o sulco largo a sair deste recipiente para o abismo fundo, por sobre laje imensa, mostra-nos bem como seria possível praticar sacrifícios bárbaros, empurrando as vítimas para este precipício.

Mas o mistério do Castelo do Mau Vizinho continua, até que se faça o seu estudo pormenorizado, e leve ao desvendar dos seus segredos.

Na continuação do escadario, pela vertente abaixo, há bastante cascalho miúdo.

Seria produto do desbaste da rocha, para rasgar o monumento?

Parece coisa em excesso.

Terá aqui cabimento a opinião do ilustre Dom António Fráguas, quanto à possibilidade de exploração mineira?

Mas a distância, da água até ao pico quase na vertical, é de considerar.

Seja como for, continua o mistério deste monumento do Castelo do Mau Vizinho.

Ao fundo da vertente leste do *Castelo do Mau Vizinho* existem umas rochas altas, onde se vê uma cavidade, bastante acima do chão. Foi-me dito e garantido que ali aparecera um tesouro antigo de jóias de ouro, e que tais jóias transitaram para Lebução.

Por isso, o «Tesouro de Lebução», tão conhecido em todo o mundo, seria do Castelo do Mau Vizinho, antes de ser de Lebução.

Portanto, é possível que os celtas fossem os senhores do Castelo do Mau Vizinho.

Mas a argamassa do muro que defende o lado norte do monumento, não deve ser produto celta.

A datação, a origem e o possível significado do *Castelo do Mau Vizinho* são problemas que ficam em suspenso.

De qualquer modo, julgo que este estranho monumento arqueológico bem merece um estudo pormenorizado.